



**SERVIÇO PÚBLICO FEDERAL
MINISTÉRIO DA EDUCAÇÃO
UNIVERSIDADE FEDERAL DE UBERLÂNDIA
INSTITUTO DE GEOGRAFIA,
GEOCIÊNCIAS E SAÚDE COLETIVA
CURSO DE GRADUAÇÃO EM GEOGRAFIA – IGESC/UFU**



Giovanna Caroline Braga

**CHINA E A EDUCAÇÃO EUROCENTRADA: análise de um livro didático de
geografia do 9º ano**

Uberlândia – MG

2025



**SERVIÇO PÚBLICO FEDERAL
MINISTÉRIO DA EDUCAÇÃO
UNIVERSIDADE FEDERAL DE UBERLÂNDIA
INSTITUTO DE GEOGRAFIA,
GEOCIÊNCIAS E SAÚDE COLETIVA
CURSO DE GRADUAÇÃO EM GEOGRAFIA – IGESC/UFU**



Giovanna Caroline Braga

**CHINA E A EDUCAÇÃO EUROCENTRADA: análise de um livro didático de
geografia do 9º ano**

Trabalho de Conclusão de Curso apresentado ao
Instituto de Geografia, Geociências e Saúde
Coletiva da Universidade Federal de Uberlândia
como requisito parcial para obtenção do título de
licenciatura em Geografia.

Orientador: Prof. Dr. Tulio Barbosa

Uberlândia – MG

2025

GIOVANNA CAROLINE BRAGA

**CHINA E A EDUCAÇÃO EUROCENTRADA: análise de um livro didático de
geografia do 9º ano**

Trabalho de Conclusão de Curso apresentado ao
Instituto de Geografia, Geociências e Saúde
Coletiva da Universidade Federal de Uberlândia
como requisito parcial para obtenção do título de
licenciatura em Geografia.

Orientador: Prof. Dr. Tulio Barbosa

Agosto de 2025

Banca Examinadora:

Prof. Dr. Tulio Barbosa (IGESC/UFU) - Orientador

Prof^ª. Dr^ª. Gláucia Carvalho Gomes (IG/UFU)

Prof^ª. Dr^ª. Amanda Regina Gonçalves (IG/UFU)

CHINA E A EDUCAÇÃO EUROCENTRADA: análise de um livro didático de geografia do 9º ano

Giovanna Caroline Braga¹, Tulio Barbosa²

¹Graduanda em Geografia pela Universidade Federal de Uberlândia, ²Professor da Universidade Federal de Uberlândia.

Resumo: A presente pesquisa tem como objetivo geral demonstrar os prejuízos do modelo eurocêntrico para a construção de um pensamento do espaço geográfico na sua totalidade, além de propor uma perspectiva anticolonial que valorize a libertação epistemológica dos povos subjugados. Essa crítica não nega a importância de estudar a influência europeia, mas questiona sua centralidade absoluta. Se o objetivo é formar cidadãos capazes de compreender o mundo em sua complexidade, é urgente deslocar o eixo narrativo. Ao invés de tomar o colonialismo como ponto de partida, a educação geográfica poderia explorar como diferentes sociedades construíram suas territorialidades antes e apesar da dominação ocidental. Partindo deste princípio, a presente pesquisa pretende desmistificar estereótipos sobre a China e trazê-la como protagonista da própria história, apontando conceitos equivocados que aparecem nos livros didáticos, especificamente o livro didático de Geografia para o 9º ano do Ensino Fundamental, e podendo assim contribuir para uma educação descolonizadora, e que estimule o pensamento crítico dos estudantes.

Palavras-chave: China. Geografia Escolar. Eurocentrismo. BNCC. Livro Didático

INTRODUÇÃO

O eurocentrismo é uma perspectiva hegemônica europeia que elege a si própria como modelo universal para a constituição da sociedade moderna (Clarke, 1992). A partir dessa ideologia, o sistema educacional brasileiro reproduz a ideia de que a filosofia, a cultura, a arte e o modo de vida europeu são os únicos dignos de ser ensinado, relegando as contribuições de outras civilizações a um plano secundário (Benedicto, 2016). A presente pesquisa tem como objetivo geral demonstrar os prejuízos do modelo eurocêntrico para a construção de um pensamento do espaço geográfico na sua totalidade, além de propor uma perspectiva anticolonial que valorize a libertação epistemológica dos povos subjugados. Afinal, um povo

que desconhece sua própria história dificilmente será capaz de transformar o presente e projetar o futuro.

A história demonstra que as sociedades africanas, asiáticas e ameríndias desenvolveram estruturas sociais, tecnológicas e políticas tão ou mais sofisticadas que a Grécia Antiga, frequentemente idealizada como "berço da civilização" pelo imaginário ocidental. Esses povos construíram cidades complexas, dominaram avançadas técnicas agrícolas, criaram sistemas de irrigação e ergueram monumentos que superavam em escala e engenhosidade qualquer obra europeia de seu tempo (Dussel, 2005, p. 25 apud Benedicto, 2016, p.54). Immanuel Kant, foi um dos precursores que utilizou da filosofia para legitimar a hierarquia ao defender que cabia aos europeus "civilizar" o mundo (Gonçalves, 2015, p.183). Com a ascensão da modernidade, a Europa promoveu não apenas a subjugação de diversas civilizações, mas também a aniquilação de povos originários e o apagamento sistemático de suas histórias e culturas.

Embora nas últimas décadas tenham ocorrido avanços nos debates sobre a inclusão das histórias indígena e africana nos currículos escolares, como a Lei nº 11.645/2008, a Base Nacional Comum Curricular (BNCC) ainda mantém a Europa como eixo central da narrativa histórica e geopolítica.

Por fim, no 9º ano, é dada atenção para a constituição da nova (des)ordem mundial e a emergência da globalização/mundialização, assim como suas consequências. Por conta do estudo do papel da Europa na dinâmica econômica e política, **é necessário abordar a visão de mundo do ponto de vista do Ocidente, especialmente dos países europeus, desde a expansão marítima e comercial, consolidando o Sistema Colonial em diferentes regiões do mundo.** É igualmente importante abordar outros pontos de vista, seja o dos países asiáticos na sua relação com o Ocidente, seja o dos colonizados, com destaque para o papel econômico e cultural da China, do Japão, da Índia e do Oriente Médio. **Entender a dimensão sociocultural e geopolítica da Eurásia na formação e constituição do Estado Moderno e nas disputas territoriais** possibilita uma aprendizagem com ênfase no processo geo-histórico, ampliando e aprofundando as análises geopolíticas, por meio das situações geográficas que contextualizam os temas da geografia regional. (BRASIL, 2018, p. 383, grifo nosso)

Mesmo quando menciona a importância de outras regiões, como Ásia e Oriente Médio, a estrutura dos conteúdos parte de uma lógica do ocidente como referencial, reforçando a ideia do conhecimento como um fenômeno dirigido pelo Ocidente, minimizando a agência histórica de outras regiões, tratando-os como coadjuvantes, falseando suas realidades em um processo cujo protagonismo permanece europeu.

Essa crítica não nega a importância de estudar a influência europeia, mas questiona sua centralidade absoluta. Se o objetivo é formar cidadãos capazes de compreender o mundo em sua complexidade, é urgente deslocar o eixo narrativo. Ao invés de tomar o colonialismo como ponto de partida, a educação geográfica poderia explorar como diferentes sociedades

construíram suas territorialidades antes e apesar da dominação ocidental. Só assim será possível romper com a ideologia ocidental que silencia os saberes não europeus e, finalmente, construir um pensamento geográfico verdadeiramente plural.

Partindo deste princípio, a presente pesquisa pretende desmistificar estereótipos sobre a China e trazê-la como protagonista da própria história, apontando conceitos equivocados que aparecem nos livros didáticos e podendo assim contribuir para uma educação descolonizadora, e que estimule o pensamento crítico dos estudantes. Assim sendo, é importante ressaltar que a população chinesa é formada por 57 grupos étnicos, sendo que a etnia Han representa mais de 91% da população e pouco mais de 8% são distribuídos entre as outras 56 etnias. Mandarim é o idioma oficial e ele é falado pela maioria da população, porém, coexistem ainda mais de 50 línguas e 23 tipos de escrita diferentes. A República Popular da China (RPC) é o segundo país mais populoso do mundo, com cerca de 1,415 bilhão de habitantes, é a segunda maior economia mundial e o terceiro em extensão territorial (Worldometer, 2025). Todos esses são fatores que coloca a China hoje como uma das peças principais no cenário internacional e político, tornando imprescindível compreender suas complexidades e o que levou a China ocupar esse lugar no XXI.

A escolha da temática para este artigo foi impulsionada pela contínua curiosidade da autora em relação à experiência socialista chinesa e a incessante vontade de pensar em um projeto de futuro diferente para a educação brasileira, que supere as barreiras criadas pelo eurocentrismo e assegure um sistema educacional diverso que trabalhe a relevância cultural, política e social de todos os povos. Desta forma, compreendemos que a importância também está na formação profissional, por a temática ser pensada como condição de reflexão para a edificação da profissão da pesquisadora e futura docente.

A pesquisa justifica-se no que tange a uma problemática presente na Base Nacional Curricular (BNCC) e nos livros didáticos, ao abordar a história dos povos negros, indígenas e orientais, por uma perspectiva eurocêntrica. Diante disso, o presente trabalho propõe discutir os possíveis prejuízos de uma educação de base eurocentrada, bem como analisar a relevância do estudo do processo histórico chinês no contexto da educação básica. Trata-se de uma temática ainda em estágio embrionário no debate educacional, o que reforça a importância nos currículos escolares, além da necessidade de formação adequada dos profissionais da educação para abordarem a realidade chinesa, cuja trajetória é tão singular.

Objetivamos a partir desses apontamentos refletir sobre o contínuo processo revolucionário chinês, de 1949 a 2025, apoiando-se em autores comprometidos com a fidelidade histórica, como Jabbour, Pomar, Marcelino e Maia. Assim, propõe-se analisar os

conceitos e as semióticas presentes nos livros didáticos que os autores utilizam para representar a China. O nome semiótica origina-se da palavra grega *semeion*, que significa signo, Santaella (2005) em seu livro, “O que é Semiótica”, vai definir a semiótica como a ciência que investiga todas as linguagens possíveis. Nesse sentido, a semiótica é o fenômeno de produção de significação e de sentido da linguagem verbal e não-verbal. Além disso, pretendemos contrapor, de maneira crítica e didática, as desinformações presentes no livro podendo facilitar essa temática no cotidiano escolar. Por fim, pretende-se expor as problemáticas de uma educação eurocêntrica.

Para isso, este trabalho adota uma abordagem qualitativa pautada na análise crítica como método principal de investigação. A pesquisa foi estruturada em duas etapas complementares, a primeira consistiu em uma análise geral, textos e imagens, do livro didático de Geografia intitulado *Conexões e Vivências*, do 9º ano do Ensino Fundamental, publicado pela Editora Brasil em 2024. A pesquisa tem como foco as representações e problemas conceituais relacionados à China, selecionada como categoria central de análise devido à sua importância geopolítica e histórica. Por meio de um estudo detalhado, buscou-se identificar a potencial reprodução de estereótipos, generalizações problemáticas e perspectivas que reforçam uma visão de mundo centrada no olhar europeu.

A segunda etapa da pesquisa dedicou-se à revisão bibliográfica, com foco na análise da formação social e histórica da China a partir de perspectivas não ocidentalizadas. Para tanto, foram incorporados trabalhos de pesquisadores brasileiros especializados no tema, como Wladimir Pomar, autor de “O enigma Chinês” e Elias Jabbour, autor de “China hoje: Projeto Nacional, Desenvolvimento e Socialismo de Mercado”, cujas obras oferecem análises fundamentadas sobre o desenvolvimento chinês contemporâneo em língua portuguesa. Essa escolha complementar se ampara tanto pela relevância acadêmica desses autores quanto pela acessibilidade de suas obras no contexto brasileiro¹.

A NOVA CHINA 1949 – 2025

A China é uma das civilizações mais antigas do mundo, com mais de 5.000 anos de história contínua. Ao longo dos séculos, desenvolveu uma cultura rica e complexa, além de ter contribuído significativamente para o progresso da humanidade com invenções como a pólvora, o papel, a bússola, a seda e diversos avanços na agricultura, filosofia e medicina. No entanto, essa trajetória milenar sofreu uma ruptura a partir do século XIX, quando o país foi

¹ Obras de autores chineses que tratam da mesma temática, não foram possíveis de encontrar traduzidas para o português ou são de difícil acesso.

submetido a sucessivas intervenções estrangeiras. Esse período, conhecido como “Século da Humilhação”, teve início com as Guerras do Ópio e a imposição de tratados desiguais por potências ocidentais, incluindo os Estados Unidos, Japão, Portugal e especialmente o Império Britânico, marcando o enfraquecimento da soberania chinesa e a sua inserção forçada em um sistema de dominação imperialista. Esse longo período de dominação e instabilidade política comprometeu a soberania chinesa e afundou seu povo na miséria.

Porém, em 1º de outubro de 1949, com a vitória da revolução camponesa, a China rompeu com o jugo do imperialismo colonialista. A partir desse marco, o país iniciou um árduo processo de transformação social e econômica. Nas décadas seguintes, quase 800 milhões de pessoas foram retiradas da miséria, e o governo chinês passou a investir na construção de uma base industrial sólida. Esse conjunto de mudanças estruturais foram decisivos para que a China se consolidasse como uma potência global em menos de um século (Pomar, 2015, p.7). Esse processo de transformação esteve intrinsecamente ligado à mobilização das massas trabalhadoras, tanto rurais quanto urbanas, que, por meio da organização coletiva e da ação revolucionária, enfrentaram diretamente as estruturas de pobreza e exploração, imprimindo um caráter singular à trajetória de modernização e desenvolvimento da China até a contemporaneidade.

Brilhar sobre o Leste, foi o nome dado ao revolucionário que mudou os rumos da história Chinesa. Tsé, significa “brilhar sobre” e Tung significa “o Leste”. O seu primeiro nome “Mao” surgiu posteriormente, como nome de segundo batismo que significa “Menino de Pedra” (Chang; Halliday, 2006). Quando o líder comunista chegou ao poder, a China era um dos países mais pobres do mundo, a expectativa de vida era de 35 anos para homens e 40 anos para mulheres. Mas Mao acreditava na retomada econômica por meio da reconstrução das forças produtivas nacionais, articulando as cinco forças, as quais são representadas pelas estrelas na bandeira chinesa, a maior simboliza o partido comunista, e as menores simbolizam a classe trabalhadora, o campesinato, a pequena burguesia urbana e a burguesia nacional.

Logo no primeiro ano de governo o partido iniciou a reforma agrária e a reforma da propriedade privada, confiscou terras de proprietários rurais e as distribuiu aos camponeses, e as indústrias foram nacionalizadas. Essas medidas visavam estabelecer as bases para uma economia socialista planificada. Como resultado dessas políticas, a inflação foi controlada a partir de 1952, e a produção de grãos e algodão triplicou. Em três anos, a contar da fundação da RPC o crescimento industrial foi de 34,8% (Pomar, 2015, p.108). Ao longo do processo histórico desde 1949, a transformação do socialismo chinês foi moldada pelas necessidades práticas das lutas internas e externas, sem jamais abandonar a essência de um Estado voltado

para a classe trabalhadora. Em 70 anos, a China modernizou-se, tornou-se produtora de alta tecnologia, alcançou o posto de segunda maior economia do mundo e elevou o "Made in China" a um novo patamar.

Embora tenha vivido, no passado, o Século da Humilhação, marcado pela exploração estrangeira, perdas territoriais e enfraquecimento interno, a China conseguiu se reerguer e hoje figura entre as economias mais sólidas e dinâmicas do mundo. Essa transformação impressionante reflete o caminho de reconstrução nacional iniciado por Mao Tsé-Tung, cuja liderança comunista foi decisiva para redefinir a identidade chinesa e consolidar um Estado forte e independente. As estratégias adotadas a partir da Revolução Chinesa moldaram o desenvolvimento interno do país. O ressurgimento da China como potência global é resultado direto do esforço coletivo do seu povo e das reformas políticas e econômicas que permitiram ao país superar os cem anos de dominação.

O caminho trilhado pelos comunistas após a Revolução Chinesa está longe de ser linear ou idealista, uma vez que enfrentaram, e ainda enfrentam, inúmeras contradições e percalços, além de tomarem rumos e decisões que são questionáveis até mesmo aos olhos de muitos marxistas. No entanto, considerando as condições em que o partido assumiu o país naquela época, com uma população de aproximadamente 500 milhões de habitantes, vivendo na miséria, o partido se viu na posição de negociar com a burguesia para reerguer o país e dar seguimento ao projeto socialista almejado (Pomar, 2015).

Nesse contexto de reconstrução nacional, marcado por desafios estruturais profundos, surge a figura de Deng Xiaoping como um dos principais articuladores de uma nova etapa na história da China. Após períodos de turbulências como o Grande Salto Adiante, Revolução Cultural, e a morte de Mao Zedong; Deng assumiu a liderança e implementou, a partir de 1978, um amplo conjunto de reformas econômicas que ficaram conhecidas como Reformas de Abertura. Essas medidas tinham como objetivo modernizar a economia chinesa por meio da introdução gradual de elementos de mercado, da abertura ao investimento estrangeiro, inserção ao comércio internacional, promovendo uma gradual transição para uma economia de mercado socialista ou para o socialismo com características chinesas (Marcelino, 2023, p. 58).

A partir de 1978, a China vivenciou o processo de adoção desse novo modelo socialista, com objetivo de dar continuidade ao processo de emancipação do povo chinês e fortalecer sua cultura e soberania nacional, que foram construídas ao longo dos seus 5.000 anos de história. Como resultado de mais de duas décadas de abertura econômica, o país apresentou elevados índices de crescimento, ampliação de suas capacidades militares e crescente influência regional e global. Apesar dos avanços, a China presenciou diversos desafios impostos pelo intenso

processo de desenvolvimento econômico, como o acelerado processo de urbanização, o aumento da desigualdade de renda, a corrupção e os impactos ambientais, especialmente a poluição. (Silva, 2015)

Nos anos 2000, com a chegada de Hu Jintao à presidência da China, inicia-se um novo ciclo político marcado por um perfil mais progressista. Hu defendia reformas de cunho social e econômico, com o objetivo central de reduzir as desigualdades geradas pelo crescimento acelerado das décadas anteriores (Jabbour, 2012, p. 356). Para isso, o governo adotou o slogan “Sociedade Harmoniosa”, que retomava elementos da tradição confucionista como base para a construção de uma sociedade mais equilibrada, estável e justa. Hu foi responsável pela criação de uma série de políticas sociais, como sistema público de saúde e reformas nas leis trabalhista. No entanto, o governo não obteve êxito em todas suas propostas, principalmente pelo agravamento das desigualdades sociais entre campo e cidade durante o seu governo. Esse cenário contribuiu para o enfraquecimento da popularidade de Hu Jintao, abrindo espaço para o avanço de novas correntes dentro do PCCh. Nesse contexto, seu então vice-presidente, Xi Jinping, consolidou apoio interno e foi eleito secretário-geral do partido em 2012, assumindo, na sequência, a presidência da China (Silva, 2015).

Xi Jinping assumiu a presidência em 2013, e de maneira inédita, ocupou todos os principais cargos do Estado, secretário-geral do partido, presidência e as comissões militares, o que lhe conferiu maior protagonismo e centralização do poder. Cenário esse, que foi estratégico para fortalecer a coesão do Partido Comunista. No mesmo ano de sua eleição, Xi lançou o conceito do “Sonho Chinês”, que teve como objetivo o fortalecimento institucional, o desenvolvimento econômico e a construção de uma imagem de liderança forte, carismática e honesta, como símbolo do novo momento da China (Castelli, 2023). No ano de 2017, em seu discurso para o 19º Congresso Nacional do Partido Comunista Chinês, originou um novo pensamento para a ideologia do partido nomeado de “Socialismo com características Chinesas para uma Nova Era” que tem como principal contribuição a retomada do plano traçado por Deng Xiaoping para a construção de uma China Socialista moderna, esse plano foi desenhado para ser concluído de 2030 a 2050. Xi redefiniu o plano de Deng de três fases para cinco, sendo elas, aperfeiçoar as dimensões de avanço material, político, cultural, ético, social e ecológico; modernizar o sistema e a capacidade de governança, a liderança global em força nacional e influência internacional, alcançar a prosperidade coletiva para todos os chineses, e que o povo tenha vida mais feliz, mais segura e mais saudável (Xi, 2017 apud Vieira, 2023).

Mesmo diante de seus inúmeros avanços, a China continua sendo tratada pelo Ocidente como uma ameaça ou obstáculo à manutenção da ordem internacional estabelecida. Por

questões ideológicas e de poder, muitos optam por não compreender, ou mesmo ignorar, as particularidades e contradições inerentes àquele país, reduzindo-o como uma ditadura na qual o povo viveria em condições nefastas, com trabalhadores explorados e imersos na miséria. No entanto, a partir das informações apresentadas, demonstra que a China passa por transformações cruciais, com foco na melhoria da qualidade de vida de sua população. O país hoje abriga uma das economias e uma das democracias mais estáveis do mundo, ostentando as menores taxas de desemprego mundialmente. O salário-mínimo tem crescido de forma exponencial, e o governo investe anualmente bilhões em infraestrutura, educação e desenvolvimento social.

No século XXI a China iniciou mais um capítulo de sua trajetória milenar, contribuindo para o progresso da humanidade ao seguir, de forma pragmática, o caminho rumo ao socialismo, tecendo o caminho conforme idealizado pelo pensamento marxista e maoísta, mas adaptando às suas particularidades históricas, culturais e econômicas. O país tem vivenciado um processo contínuo de construção de um modelo socialista próprio, com o objetivo de dar continuidade à emancipação do povo chinês e fortalecer sua cultura e soberania nacional, ambas forjadas ao longo de sua contínua história milenar. O socialismo com características chinesas, enquanto se projeta para o futuro, propõe a edificação de uma nova formação econômico-social sem negligenciar as heranças do passado, tendo como base, princípios da filosofia confucionista.

No entanto, apesar de sua relevância histórica, política e econômica, a imagem da China ainda é amplamente distorcida em diversos materiais didáticos utilizados no ensino básico brasileiro. A seguir, será feita uma análise crítica do livro didático de Geografia da Editora Brasil adotado nas escolas públicas brasileiras, evidenciando como ele reproduz estereótipos e omissões que contribuem para a construção de uma narrativa negativa e limitada sobre a China.

A CHINA NO LIVRO DIDÁTICO DE GEOGRAFIA

Segundo o historiador John Henrik Clarke (1992), os europeus não apenas colonizaram o mundo, mas também colonizaram as informações sobre ele. Partindo desse princípio, demonstraremos, por meio de problemas conceituais identificados no livro didático de Geografia, que a afirmação feita por Clarke no século passado ainda se mantém válida na atualidade. Embora hoje, a abordagem sobre a China nesses materiais tenha avançado em comparação com anos anteriores, quando o tema sequer era mencionado, como evidenciado pelo trabalho de Bueno (2018), é possível argumentar que representação da China nos livros

didáticos continua subordinada a perspectivas ocidentais, reforçando a necessidade de descolonização dos saberes geográficos.

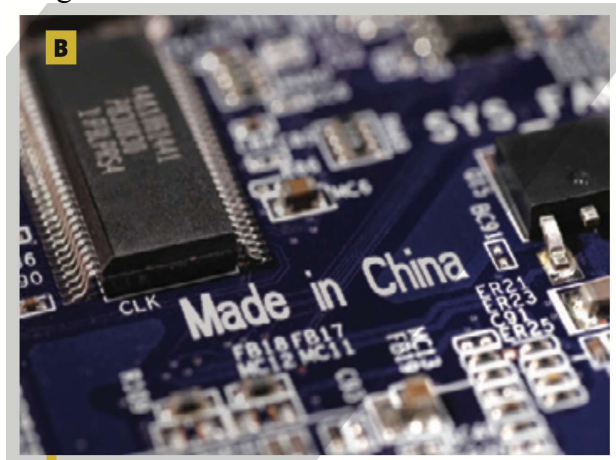
Nesta etapa da pesquisa, serão trabalhadas as problemáticas conceituais identificadas a partir da análise do livro didático de Geografia, Conexões e Vivências, do 9º ano. No livro, a temática da China é abordada na Unidade 4: Ásia, mais especificamente no Capítulo 13: China: potência emergente mundial. O conteúdo ocupa o total de 10 páginas, sendo 2 delas dedicadas à resolução de exercícios. Os subtítulos presentes nessas páginas são: População Chinesa, Produção de alimentos na China, Socialismo de mercado e organização do espaço chinês, Problemas ambientais em território chinês e China: nova potência mundial do século XXI?. Também será realizado uma breve análise da seleção de imagens utilizadas para ilustrar o conteúdo abordado.

Figura 1: Etiqueta de roupa de fabricação chinesa



Fonte: Conexões e Vivências: geografia, 9º ano: ensino fundamental; anos finais. 1. Ed. São Paulo: Editora Brasil, 2022

Figura 2: Placa de circuito eletrônico chinesa



Fonte: Conexões e Vivências: geografia, 9º ano: ensino fundamental; anos finais. 1. Ed. São Paulo: Editora Brasil, 2022

O primeiro parágrafo do capítulo apresenta uma breve contextualização sobre a China ser o país mais industrializado do mundo, com duas imagens que ilustra essa afirmação, uma etiqueta de roupa (figura 1) e uma placa de circuito eletrônico (figura 2), destacando que a China atua em diversos segmentos industriais, de atividade fabril à produção de alta tecnologia. Logo no segundo parágrafo, relatam a história mais recente da China que a levaram as grandes transformações, iniciando essa história a partir do processo de colonização do território chinês no século XIX. E em sequência apresenta de forma breve a revolução Chinesa, que levou o fim da exploração colonial em 1949, e descrevem as principais medidas estabelecidas pela revolução como a planificação da economia, centralização do Estado, reforma agrária, coletivização das terras e instalação de um partido único.

Já na primeira página, é possível observar que o livro está de acordo com a segmentação proposta pela BNCC, retratando a história do país por meio de sua colonização. Esse é um ponto relevante, pois apresenta a China como um ator passivo nesse processo, apesar das diversas guerras e revoltas contra a dominação estrangeira, como a Revolta dos Boxers. Além disso, seria importante mencionar as Guerras do Ópio, nas quais a Inglaterra forçava a China a importar ópio, estratégia que visava enfraquecer a população, tornando-a dependente do medicamento e mais suscetível ao controle da coroa Inglesa.

Além disso, o livro ignora o processo de industrialização chinesa, que foi um feito inédito. A China saltou de uma economia agrária e fechada para se tornar uma potência em manufatura de baixo custo e, quase simultaneamente, em líder em alta tecnologia, como ilustrados nas figuras 1 e 2 do livro em menos de 70 anos, e se tornou a fábrica do mundo. Para isso, o Partido Comunista Chinês na elaboração do projeto de desenvolvimento, segue caminho contrário do estabelecido pelo ocidente no Consenso de Washington, e traça sua própria rota de crescimento. Diferente das industrializações lideradas pela iniciativa privada no ocidente, o Estado chinês foi o planejador central, investidor maciço e condutor estratégico. O planejamento quinquenal, muitas vezes visto como arcaico pelos países ocidentais, mostrou-se uma ferramenta flexível e poderosa para direcionar recursos para setores prioritários.

Outro ponto relevante a ser notado, é a informação incorreta sobre o sistema político chinês, descrevem o país como “um regime de partido único”. Na realidade, a China possui um sistema de cooperação multipartidária, no qual atuam oficialmente oito partidos políticos, além do Partido Comunista Chinês (PCCh). Esses partidos participam ativamente da administração Estatal e da consultoria política, sob a liderança do PCCh, conforme estabelecido pela

população brasileira atual. A política surgiu num contexto em que o país buscava se reerguer após um século de exploração europeia. Esses desafios foram agravados por mudanças climáticas, escassez de mão de obra no campo e precariedade na infraestrutura agrícola. Nesse cenário, o controle da natalidade tornou-se uma estratégia crucial para evitar o colapso alimentar e permitir ao Estado suprir minimamente as necessidades da população. Foi durante o governo de Deng Xiaoping (1978–1992) que essa política se consolidou. Com foco no crescimento econômico, o governo reconheceu a urgência de frear o crescimento populacional para evitar novas crises de escassez. Assim, em 1979, foi oficialmente implantada a Política do Filho Único, válida em todo o país, com exceção de algumas regiões rurais e territórios de minorias étnicas. Atualmente a China não possui mais leis de controle de natalidade, e incentiva que os casais tenham pelo menos três filhos (O Globo, 2024).

Figura 4: Piscina pública na China



Fonte: Conexões e Vivências: geografia, 9º ano: ensino fundamental; anos finais. 1. Ed. São Paulo: Editora Brasil, 2022

A imagem acima (figura 4), retirada do livro em análise, mostra uma piscina pública extremamente lotada na cidade de Nanjing. Do ponto de vista semiótico, a imagem transmite uma sensação de desconforto, opressão e desorganização da vida coletiva da população. Essa representação visual reforça estereótipos recorrentes sobre a China, como a ideia de um país superpovoado, com espaços urbanos caóticos com carência de qualidade de vida.

Na página seguinte, o livro aborda a questão agrária na China de maneira generalizada, destacando que o processo de modernização no campo é lento, mas reconhece o alto índice de produtividade das lavouras chinesas. A associação entre baixa modernização e o alto

contingente de trabalhadores rurais é questionável, pois, diferentemente do agronegócio brasileiro, a China consegue aliar alta tecnologia com mão de obra abundante. Em uma entrevista para a revista o Joio e o Trigo (2024), com João Pedro Stedile, fundador do MST, ele destacou que os chineses desenvolveram maquinários para pequenas propriedades e fertilizantes naturais que aumentam a eficiência produtiva, tecnologias que hoje são compartilhadas com o movimento sem-terra no Brasil. Essa realidade contradiz a visão apresentada no texto, pois demonstra que o campo chinês é, de fato, modernizado. Para garantir grandes safras com os poucos recursos naturais disponíveis, a China não apenas adota inovações tecnológicas, mas também mantém uma forte presença de mão de obra rural assegurando a preservação cultural, evitando o êxodo rural e equilibrando a qualidade de vida tanto no campo quanto nas cidades.

Figura 5: Trabalhadores do campo na China



Fonte: Conexões e Vivências: geografia, 9º ano: ensino fundamental; anos finais. 1. Ed. São Paulo: Editora Brasil, 2022

A relação entre população e alimento no livro didático apresenta uma sequência de caos, transmitindo uma ideia de que o povo chinês poderá não ter alimento, devido ao seu elevado número populacional, com isso o livro didático tenta demonstrar como a população chinesa é culpada de suas próprias “escolhas”. A desqualificação chinesa está evidente ao mencionarem que a produção de alimento ainda não é suficiente para garantir a qualidade de vida para a população.

Figura 6: Fotografia de Xangai, China



Fonte: Conexões e Vivências: geografia, 9º ano: ensino fundamental; anos finais. 1. Ed. São Paulo: Editora Brasil, 2022

Conforme pode ser observado nas imagens, o livro em questão reforça a noção de uma produção camponesa atrasada (figura 5, p.16). Paralelamente, apresenta uma imagem (figura 6), da cidade de Xangai, na China, representada como um espaço favelizado, desordenado e marcado por acentuado contraste social. Tal representação, contudo, não corresponde à realidade urbana chinesa. Na China, não existem favelas nos moldes ocidentais, o que se observa são as chamadas "vilas urbanas". Esse fenômeno está diretamente relacionado ao processo de urbanização planejada conduzido pelo Estado desde a Revolução, na qual a organização das cidades foi considerada um elemento primordial pelo Partido Comunista. Como resultado, mais de 600 milhões de pessoas migraram para os centros urbanos ao longo de quatro décadas (JABBOUR, 2016), em um movimento caracterizado pela ordem e pelo planejamento, em contraste com os padrões de urbanização observados em grande parte do Ocidente.

Na página 152, sob o subtítulo “O socialismo de mercado e a organização do espaço chinês”, os autores abordam o conceito de Zonas Econômicas Especiais (ZEEs), criado no governo de Deng Xiaoping, como uma das estratégias da reforma de abertura do país em 1978. As ZEEs são regiões que apresentam maior flexibilidade nas negociações com empresas estrangeiras, com o objetivo de atrair investimentos internacionais. A conceituação apesar de sucinta, não apresenta grandes imprecisões. Na página também se encontra um mapa que representa a organização espacial chinesa (figura 7, p.18).

Figura 7: Mapa de organização espacial chinesa



Fonte: Conexões e Vivências: geografia, 9º ano: ensino fundamental; anos finais. 1. Ed São Paulo: Editora Brasil, 2022

Já no segundo parágrafo, os autores apontam o baixo custo da mão de obra como um dos principais atrativos para o capital externo. No entanto, essa afirmação exige revisão à luz da realidade atual. O salário-mínimo na China, por exemplo, é de aproximadamente 370 dólares mensais (China Briefing, 2025), o que equivale cerca de 2.000 reais, valor que, embora ainda inferior aos padrões de países desenvolvidos, não caracteriza mais uma mão de obra barata. Hoje, o interesse de empresas estrangeiras em investir na China está menos relacionado ao custo da força de trabalho e mais à elevada capacidade organizacional do país, à eficiência produtiva e ao vasto mercado consumidor interno, que representam vantagens estratégicas consideráveis no cenário global.

A segunda unidade discorre sobre os desafios ambientais enfrentados pela China, um país que, devido ao seu acelerado crescimento industrial e populacional, tornou-se um dos maiores emissores de dióxido de carbono do mundo. Segundo o livro, as principais problemáticas decorrentes do rápido crescimento econômico são a exaustão dos recursos naturais e o fato de que esses avanços industriais e econômicos não foram acompanhados por políticas rigorosas de planejamento e controle ambiental.

Figura 8: Poluição atmosférica na cidade de Xangai



Fonte: Conexões e Vivências: geografia, 9º ano: ensino fundamental; anos finais. 1. Ed. São Paulo: Editora Brasil, 2022

No entanto, diferentemente do que os autores afirmam, a China não apenas reconhece esses problemas, mas atualmente tem implementado políticas ambientais rigorosas. Nos últimos anos, o governo chinês tem agido de forma decisiva para reverter os impactos da poluição, investindo massivamente em energia renovável, como a construção da maior usina fotovoltaica do mundo, no deserto de Kubuqi (Huawei Digital Power, [s.d.]). Além disso, o país possui uma das legislações ambientais mais avançadas entre as nações em desenvolvimento, com metas claras de neutralidade de carbono até 2060, com a “Iniciativa China Bonita” que traça como objetivo a construção da civilização ecológica (Wang; Liu apud Vieira, 2023, p.18). Como exemplo desta preocupação, expandiram a malha ferroviária e a implementaram o sistemas de bicicletas compartilhadas em mais de 360 cidades, com frota de 20 milhões de unidades (Carbono Zero, 2024), demonstrando um compromisso real com a redução de emissões e a melhoria da qualidade de vida urbana. Portanto, embora os desafios persistam, a China tem adotado medidas concretas e ambiciosas para alinhar seu desenvolvimento econômico com a sustentabilidade ambiental.

Em seguida, o livro apresenta uma seção intitulada Zoom (figura 9, pg. 20), destinada a destacar temas atuais que exigem uma análise mais aprofundada. A seção recebe o título “Desmatamento na China e o novo coronavírus”. Pela sequência escolhida, não por acaso, o livro trata desta temática logo após “informar” a falta de fiscalização e rigidez no controle ambiental pelo governo chinês. Devemos nos questionar a intenção dos autores ao elaborar essa sequência, apresentando informações de forma imprecisa, além de afirmar que o

coronavírus surgiu na China devido ao desmatamento, o que pode reforçar estigmas culturais e possíveis discursos xenofóbicos, como o termo "vírus chinês" e culpabilizar a China pela pandemia de 2019. O coronavírus já é conhecido desde 1964, e foi identificado por uma cientista britânica, na cidade de Londres na Inglaterra (Comunica UFU, 2020). Atribuir exclusivamente à China a origem do vírus desconsidera tanto o contexto científico quanto o histórico, além de contribuir para a perpetuação de desinformações e estigmas infundados.

Figura 9: Desmatamento na China e coronavírus



Desmatamento na China e o novo coronavírus

Faz pelo menos duas décadas que cientistas repetem o alerta: à medida que populações avançam sobre as florestas, aumenta o risco de micro-organismos – até então em equilíbrio – migrarem para o cotidiano humano e fazerem vítimas. Foi por isso que a notícia sobre a propagação do novo coronavírus [...] não pegou Ana Lúcia Tourinho de surpresa. Doutora em Ecologia, ela estuda como o desequilíbrio ambiental faz com que a floresta e sociedade fiquem doentes.

“Quando um vírus que não fez parte da nossa história evolutiva sai do seu hospedeiro natural e entra no nosso corpo é o caos. Está aí o novo coronavírus esfregando isso na nossa cara” [...].

No caso do novo coronavírus, batizado de Sars-CoV-2, muito antes de infectar os primeiros humanos e viajar a partir da China [...] para outras partes do mundo, ele já estava em um ambiente muito próximo ao ambiente selvagem – morcegos, provavelmente.

Isolados e em equilíbrio com o ambiente, essas criaturas, muitas vezes, vírus como esse não ameaçariam os humanos. O problema é quando esse reservatório natural começa a ser recortado, destruído e ocupado. [...]

PONTES, Nádia. O elo entre desmatamento e epidemias. *DIW Brasil*, [s. l.], 15 abr. 2020. Disponível em: <https://www.diw.com/pt-br/o-elo-entre-desmatamento-e-epidemias-investigado-pela-ci%C3%A9ncia/a-53135352>. Acesso em: 23 mar. 2022.

Morcego da espécie *Rhinolophus affinis*, encontrado em algumas partes da Ásia, como a China. Fotografia de 2020.

Fonte: Conexões e Vivências: geografia, 9º ano: ensino fundamental; anos finais. 1. Ed. São Paulo: Editora Brasil, 2022

Ademais, a inclusão da imagem de um morcego, acompanhada de uma suposta informação científica que vincula o vírus a esse mamífero, reforça uma narrativa simplista e pouco fundamentada. Segundo a Sociedade Brasileira de Mastozoologia, não há comprovação de que o vírus tenha originado dos morcegos, sendo essa apenas uma hipótese (Moratelli et al, 2020).

Por fim, o livro dedica duas páginas à discussão sobre a China enquanto a nova possível potência mundial do século XXI. O primeiro parágrafo expõe informações gerais, destacando a posição de relevância da China no cenário geopolítico mundial. Aponta ainda que fatores como sua grande extensão territorial e o vasto mercado consumidor interno, que contribuíram significativamente para a consolidação desse papel de relevância global. O parágrafo seguinte reitera que o sistema político chinês tem caráter centralizador, marcado pelo “monopartidarismo”, pela “limitada liberdade democrática” e pela “repressão a manifestações populares”.

Posteriormente, o texto ressalta o crescente protagonismo internacional da China, exemplificado por sua posição no Conselho de Segurança da ONU, suas parcerias comerciais estratégicas com África, América Latina e Oriente Médio, e sua participação em blocos econômicos, como a ASEAN e o grupo BRICs. Por fim, abordam o poderio militar e aeroespacial chinês, destacando seu arsenal bélico e seus avanços na tecnologia espacial, complementados por uma curiosidade na seção "Fique Ligado" sobre a primeira sonda chinesa a pousar no lado oculto da Lua.

O que, por um lado, pode parecer uma simples exposição de fatos imparciais sobre o crescimento da China como potência global, por outro, constrói uma narrativa tendenciosa. Ao descrever o país como “autoritário” e, em seguida, destacar seu papel no Conselho de Segurança da ONU órgão que, conforme o próprio livro afirma, tem a missão de promover a paz mundial, o texto cria um conflito que pode induzir o leitor a associar a China a uma ameaça global que levaria seu sistema antidemocrático ao mundo e desestabilizar a paz mundial. Essa estratégia, somada à omissão e inverdades de contextos, transforma uma análise supostamente neutra em um discurso carregado de ideologia ocidentalizada.

Neste sentido, o livro didático que analisamos é um manual do professor, que contém diversas informações nos cantos das páginas como forma de orientação, sugestão de material de apoio, que também é dotado de inúmeras informações equivocadas, como, por exemplo, "os cidadãos chineses têm liberdade restrita a expressão e ao voto, e acesso limitado a dados pela internet". Essa abordagem superficial compromete a formação crítica dos alunos e reforça estereótipos. Também é notório, que a ausência desse conteúdo na formação docente pode ser extremamente prejudicial, uma vez que os professores acabam tornando instrumentos de reprodução de inverdades.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Com os resultados obtidos a partir da análise do livro didático foi possível observar que o ensino de China na Geografia Escolar ainda está longe de ser satisfatório, mesmo com a tendência de mudanças positivas, a maior problemática que distancia desse ensino descolonizado, ainda é a influência eurocêntrica nas diretrizes educacionais brasileiras. Que impede que o aluno obtenha análises críticas reais da história de um outro país e até mesmo da sua própria realidade. Portanto, é papel da escola promover o debate fundamentado e combater a desinformação. Por isso, é necessário romper com esse ciclo e repensar não apenas o currículo da educação básica, mas também o da educação superior, que muitas vezes se baseia na ilusão

de um contato efetivo com saberes diversos. Mas a partir da minha experiência na graduação em Geografia, pude notar que os livros didáticos muitas vezes estão mais atualizados, mesmo com suas problemáticas, sobre os assuntos do mundo, em especial da Ásia, do que a própria universidade.

Em suma, fica claro que o ensino eurocentrado traz diversos prejuízo a educação geográfica e nos impede de observar que a China hoje se consolida como a principal antagonista do processo imperialista estadunidense, assumindo papel central na construção de uma nova ordem mundial multipolar. Ao propor relações internacionais baseadas na parceria entre iguais, apresenta ao mundo o projeto emancipatório concreto de uma realidade mais justa e cooperativa. Compreender esse processo e seus desdobramentos é fundamental para repensar o caminho emancipatório do Brasil e do povo brasileiro, permitindo-nos vislumbrar e integrar-nos a essa nova etapa da história global.

REFERÊNCIAS

BAILÉN, B; ABRIL, G. Após acabar com política do filho único, China estabelece meta de três filhos por família para enfrentar crise de natalidade. **O Globo**, Seção Mundo, 2024. Disponível em: < <https://oglobo.globo.com/mundo/noticia/2024/10/15/apos-acabar-com-politica-do-filho-unico-china-estabelece-meta-de-tres-filhos-por-familia-para-enfrentar-crise-de-natalidade.ghtml> >. Acessado em: 15 de junho de 2025.

BENEDICTO, Ricardo Matheus. **Afrocentricidade, Educação e Poder: Uma Crítica Afrocêntrica ao Eurocentrismo no Pensamento Educacional Brasileiro**. 2016. 298 p. Tese (Doutorado em Educação) - Faculdade de Educação da Universidade de São Paulo, São Paulo, 2016.

BOLIGAN, L.; ALVES, F. Conexões e Vivências: geografia, 9º ano: ensino fundamental; anos finais. 1. Ed. São Paulo: **Editora Brasil**, 2022.

BRASIL. Ministério da Educação. **Base Nacional Comum Curricular**. Brasília, 2018.

BUENO, André. **Ensinando a História da China: como fazer?** Revista Tempo, Espaço, Linguagem (TEL), Irati, v. 8, n. 2, p. 256-267, fev. 2018. Disponível em: < <https://revistas2.uepg.br/index.php/tel/article/view/10891> >. Acessado em: 10 de junho de 2025.

CASTELLI, Yasmin Lenz Picoli. **A retórica da ascensão pacífica na política externa da China: o legado de Mao Zedong no governo de Xi Jinping**. 2023. 107 f. Tese (Mestrado em Relações Internacionais) – Universidade Federal de Santa Catarina, Florianópolis, 2023. Disponível em: < <https://repositorio.ufsc.br/bitstream/handle/123456789/247664/PGRI0109-D.pdf?sequence=1> >. Acessado em: 12 de julho de 2025.

CHANG, Jung; HALLIDAY, Jon. **Mao: A História Desconhecida**. São Paulo: Companhia das Letras, 2006.

CLARKE, Henrik John. **Christopher Columbus and the Afrikan Holocaust: Slavery and the Rise of European Capitalism**. Brooklyn: A & B Books, 1992.

GONÇALVES, Ricardo Juozejavicius. **A superioridade racial em Immanuel Kant: as justificações da dominação europeia e suas implicações na América Latina**. Kínesis, Vol. VII, nº 13, julho 2015, p.179-195. Acessado em: 30 de junho de 2025. Disponível em: < https://www.marilia.unesp.br/Home/RevistasEletronicas/Kinesis/13_ricardojuozejaviciusgoncalves.pdf >. Acessado em: 20 de junho de 2025.

HORA, Aline Santana da. A descoberta do primeiro coronavírus humano foi graças a uma mulher. **Comunica UFU**, 2020. Disponível em: <https://comunica.ufu.br/noticias/2020/05/descoberta-do-primeiro-coronavirus-humano-foi-gracas-uma-mulher>. Acesso em: 12 de ago. 2025

JABBOUR. Elias. **China hoje: Projeto Nacional, Desenvolvimento e Socialismo de Mercado**. 1.ed. - São Paulo: Anita Garibaldi; Fundação Mauricio Grabois; Paraíba: EDUEPB, 2012.

MARCELINO, Fernando. **China: Novos ensaios**. São Paulo: Autonomia Literária, 2022.

MERLINO, Tatiana. “O governo não está fazendo nada na reforma agrária. É uma vergonha”. **O Joio e O Trigo**, São Paulo, 6 jun. 2024. Disponível em: <https://ojoioetrigo.com.br/2024/06/governo-nao-esta-fazendo-reforma-agraria/>. Acesso em: 11 de julho de 2025.

MORATELLI, R.; CRUZ-NETO, A.; FILARDY, A. Morcegos e Vírus Mortais. **Sociedade Brasileira de Mastozoologia**, 2020. Disponível em: < <https://sbmz.org/morcegos-e-virus-mortais/> >. Acesso em: 13 de junho de 2025.

O BOOM Das Bicicletas na China. **Carbono Zero**, 2024. Disponível em: <https://carbonozero.net/o-boom-das-bicicletas-na-china/>. Acesso em: 12 ago. 2025.

PAINÉIS Solares Revitalizam a Flora e a Vida no Deserto de Kubuqi. **Huawei Digital Power**, [s. d.]. Disponível em: < <https://digitalpower.huawei.com/br/success-stories/387.html> >. Acesso em: 09 de ago. de 2025

POMAR, Wladimir. **O Enigma Chinês**. 2. ed. São Paulo: Fundação Perseu Abramo, 2015.

SANTAELLA, Lúcia. **Semiótica Aplicada**. São Paulo: Pioneira Thompson Learning, 2005.

SILVA, Athos Munhoz M. DA. **A Ascensão da China e os seus impactos para o Leste Asiático**. Tese (Mestrado em Estudos Estratégicos Internacionais) – Faculdade de Ciências Econômicas da UFRGS, Porto Alegre, p.185, 2015.

VIEIRA, Victor Carneiro Corrêa. O Sistema Teórico do Socialismo com Características Chinesas: Desenvolvimento como base ideológica dos pensamentos de líderes do Partido Comunista da China. **Revista Sociedade e Estado**, Vol. 39 n. 1 de 2024. Disponível em: < <https://www.scielo.br/j/se/a/t7T6BpJvSXw64wYdrD4xVVw/?format=pdf&lang=pt> >. Acessado em: 02 de ago. 2025.

WORLDOMETER. **População da China 2025**. Disponível em: < https://www-worldometers-info.translate.goog/world-population/china-population/?x_tr_sl=en&x_tr_tl=pt&x_tr_hl=pt&x_tr_pto=tc > Acessado em: 25 de junho de 2025.

ZHOU, Qian. A Guide to Minimum Wages in China. **China Briefing**, Shenzhen, 2025. Disponível em: <https://www.china-briefing.com/news/minimum-wages-china/>. Acesso em: 12 ago. 2025